

0/ L 33080 5

MARIA PAULA DE AZEVEDO

---

# HISTÓRIAS



LISBOA



40  
335805

# HISTÓRIAS

**DA AUTORA :**

*História de Jesus contada às crianças*

*Portugal para os pequeninos*

*Quatro raparigas*

*Alguns anos depois*

*O Colégio da Ameixoeira*

*Os rapazes de Maria João*

*Aventuras de Zé Pitosga*

*Brianda*

*Alvoradas*

*Terra portuguesa*

*Portuguesas d'Outrora*

*Alexandre Rey Colaço*

*Teatro para crianças*

*A Prima da América*

*Ana vem a Portugal*

*Contos de Fadas*

*Autozinho do Natal*

*Dias Felizes*

} ADAPTAÇÃO

633580<sup>5</sup>

MARIA PAULA DE AZEVEDO

---



# HISTÓRIAS

R. 123:244.



LISBOA



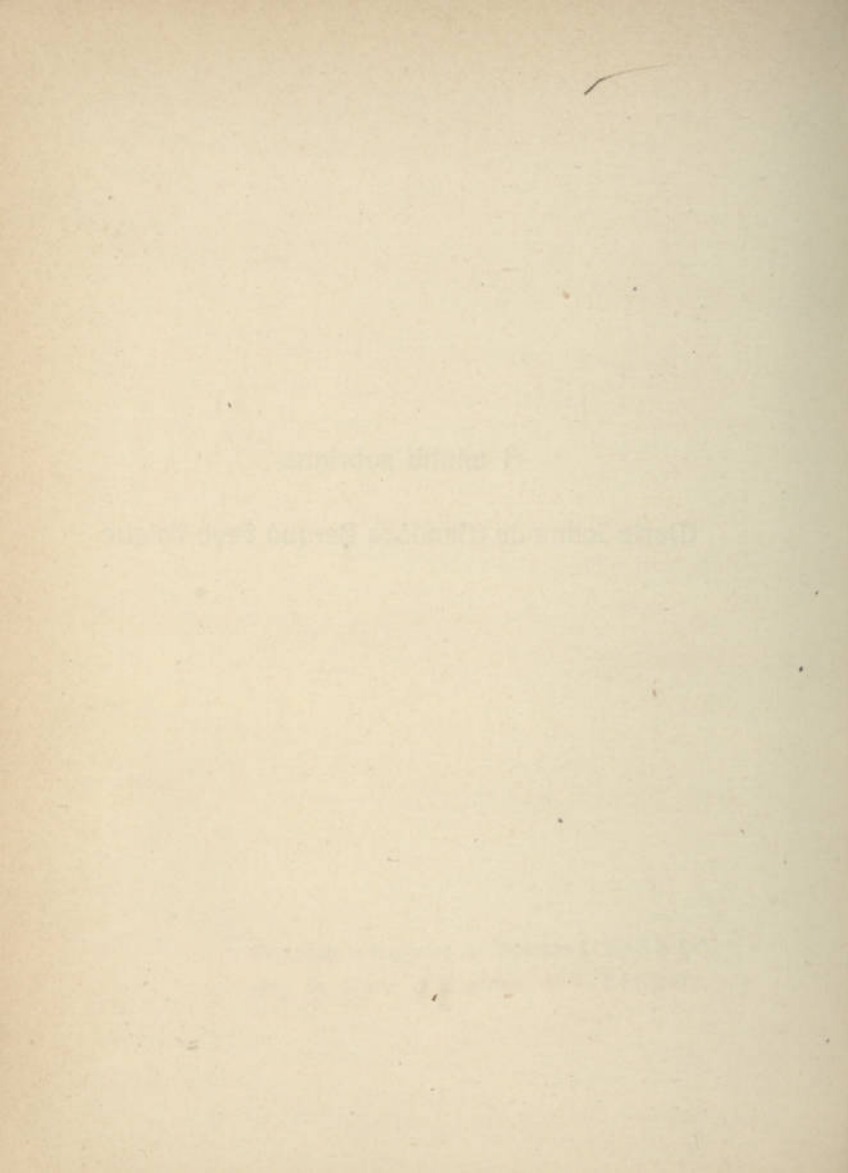
IMPRESSA DE ALFONSO

# HISTÓRIAS

Composto e impresso na Imprensa LUCAS & C.ª  
Rua do Diário de Notícias, 61 — LISBOA

À minha sobrinha

Maria Joana de Mendôça Berquó Feyo Folque





## ÍNDICE

|   | Pág. |
|---|------|
| Aventuras de Rosa Teimosa .....           | 9    |
| O sorriso de Jesus .....                  | 59   |
| As quintas-feiras da Tia Patrocínio ..... | 65   |
| As partidas de Joaquinha.....             | 73   |
| Bento, o avarento .....                   | 79   |
| A corcundinha .....                       | 85   |
| António Maria, o orgulhoso.....           | 91   |



# Aventuras de Rosa Teimosa

## I

No meio dum lindíssimo parque, no velho bairro da Estrêla, erguia-se uma casa, apalaçada e luxuosa, onde vivia a família Meneses : os pais e uma filha de dez anos chamada Rosa.

Rosa era uma pequena bonita e engraçada ; o cabelo loiro e encaracolado, os olhos dum azul puríssimo, as faces rosadas como certas rosas chamadas *Belas Portuguesas*.

O certo é que Rosa justificava bem o nome que lhe tinham pôsto : era uma verdadeira rosinha !

Adorada e animada por todos, Rosa vivia alegre naquela linda casa ; e as brincadeiras no parque, em jogos e correrias com os primos e o rancho amigo, não tinham fim !

Generosa de coração, expansiva com todos, viva como poucas, raras vezes provocava zangas

ou brigas ; e, tanto as mestras como as criadas, a estimavam com verdadeiro carinho.

Um só defeito vinha ensombrar o feliz temperamento de Rosa : era a teimosia.

O pai, que muito se ocupava da sua educação e queria a filha perfeita em tudo, desconsolava-se com isso ; e dizia-lhe às vezes :

— Se não te emendas, minha filha, passas a ser para todos Rosa Teimosa... — e Rosa choramingava um pouco.

Mas... era mais forte do que ela. Em se lhe dizendo para fazer uma coisa, sentia um louco desejo de fazer o contrário !

A mestra inglesa, a boa *Miss Parker*, ralhava com ela e dizia-lhe em inglês :

— Oh Rosa, Rosa ! não sabes que a teimosia é característica... dos burros ?

As criadas troçavam-na às vezes :

— A menina com essa teimosia assim nem parece esperta... faz lembrar as mulas, salvo respeito !

Só a mestra alemã, que era também teimosa nas suas idéias, não a censurava e dizia :

— Teimosia é quasi o mesmo que fôrça de vontade... vence quem é teimoso.

Mas esta opinião absurda era emitida sem os pais de Rosa ouvirem, é claro. E Rosa ia crescendo sem vencer o seu detestável defeito. Era para todos : *Rosa Teimosa*.

Numa tarde de Junho, sabendo que havia uma feira no Campo Grande, Rosa pediu aos pais que a deixassem ir com a *Fräulein*; achava tanta graça às feiras!

Aquelas barracas de mil coisas, as rifas, os fantoches, a loiça de barro, o tiro às garrafas, os ciganos, tudo era para ela motivo de interêsse; e nunca esquecerá uma feira dos arredores de Lisboa onde fôra um dia com as criadas.

Mas o pai não tinha vontade de a deixar ir.

— Se tu fôsses obediente à *Fräulein*, se não tivesses a mania de ser teimosa, ainda vá; mas assim, não te deixo ir. E acabo de saber que a *Fräulein* hoje à noite não te pode acompanhar, Rosinha.

Rosa tinha lágrimas nos olhos.

— Deixem-me ir com as duas criadas, sim?

Elas morrem por isso, coitadas... — insistiu ela.

E, depois de muito pedinchar, Rosa conseguiu a desejada licença : iria pela tardinha, logo a seguir ao jantar, com as duas criadas, Joaquina e Conceição; e levaria também a primita Maria de Jesus, que todos chamavam a Juju.

Rosa não cabia em si de contente; e os pais, ao verem a alegre caravana sair o portão, sorriam indulgentes.

— Obedece à Joaquina, vê lá ! — gritou a mãe.

— Não sejas Rosa Teimosa ! — lembrou o pai.

Quando chegaram ao Campo Grande já as iluminações eram brilhantes ; e as barracas, luzindo com as mais variadas quinquilharias, viam acumular-se junto aos balcões uma verdadeira multidão. Todos riam, gritavam, falavam ; e Rosa, dando o braço à Juju, gozava intensamente.

— As meninas não se afastem, pelo amor de Deus — dizia a boa Joaquina de vez em quando.

— Se se perdem no meio desta gente, credo Nossa Senhora ! — concluía Conceição, aflita.



— Qual ! — respondia Rosa, andando dum lado para outro com a prima.

Um rapazito passou tocando pandeiro, com um urso lazarento preso por uma corrente. E o urso, em pé, dançava duma maneira cómica o mais possível!

Rosa correu a ver a dança de perto.

— Menina, menina ! — chamou Joaquina.

Juju largou o braço de Rosa e disse, assustada :

— Eu não quero chegar-me ao urso... Tenho medo, Rosa !

— Medrosa ! — gritou Rosa — Não vês que está preso ?

— Deixá-lo, não quero — teimou Juju fugindo, enquanto Rosa se aproximava.

— Menina ! Menina ! — chamou Conceição.

— São horas de voltar para casa — gritou Joaquina. — Mas Rosa, sem fazer caso nenhum, ia seguindo o urso levado pelo rapaz, que se afastava do recinto da feira.

Assim foi passando o tempo e era já escuro quando o rapaz do urso se meteu por uns atalhos pedregosos e lamacentos.

Rosa, cansada, parou e olhou em tórno de si. Como estava escuro... Onde estariam as criadas? Onde ficara a Juju?... Pareceu-lhe ouvir ao longe, muito ao longe, a voz de Joaquina — Menina! Menina Rosa! — e resolveu voltar para trás a correr, para as apanhar de surpresa e trocar a medrosa Juju. Mas não teve tempo para realizar o seu projecto...

Um homem alto, de mãos peludas e negras, saíu de uma sebe de silvas e agarrou-a pelo vestido.

— Deixe-me! não vê que me suja o vestido?!  
— gritou Rosa.

O homem, indiferente, agarrou-a com mais fôrça e, dando-lhe um empurrão, gritou com voz rouca:

— Vá, é andar, toleirona. Vestido limpo te vou eu dar já... — e Rosa foi levada para uma barraca sórdida e escura onde umas dezenas de homens, mulheres e crianças, se amontoavam juntamente com o urso, vários cães, e alguns cavalos.

Que iria succeder-lhe, meu Deus! Como estava



longe das criadas, da Juju, dos adorados pais, da linda casa da Estrêla !... Rosa estava aterrada e desatou a chorar em altos gritos.

— Quem é essa miúda ? — perguntou uma velha, alta e rugosa, embrulhada num chaile prêto.  
— Para que a trouxeste, Zogar ?

O homem que agarrara Rosa atirou com ela para o meio do grupo e respondeu a rir :

— Vinha atrás do Omar e do urso. Pode servir-nos para pedir esmola ou ensina-se-lhe alguma coisa.

— Calha bem — observou outro homem — desde que morreu a Zuleima falta uma garôta como esta...

A velha abanou a cabeça e, ouvindo os gritos estridentes de Rosa, disse :

— Mau negócio aqui às portas de Lisboa. Se vierem procurá-la, que explicação dão ?

— Ora — exclamou uma rapariga morena vindo agarrar Rosa, que esperneava e gritava — pinta-se-lhe já a pele branca com iodo, rapa-se-lhe a cabeleira à navalha...

— Não ! Não ! — gritava Rosa.

— Boa idéia a do iodo ; mas não lhe cortem o cabelo. . .

— Pinta-se de negro — opinou nm dos homens.

E, naquela mesma noite, amarrada a uma cadeira com cordas, exausta de gritar e chorar, foi a pobre Rosa pintada com tintura de iodo, ficando de todo irreconhecível !

— Nem vale a pena pintar-lhe o cabelo — lembrou Miriam, a cigana nova — com a côr que se lhe deu, ficou bem transformada. Agora. . . toca a vesti-la !

Despiram-lhe o vestido, a fina roupinha, as meias. . . Rosa, sem fôrças já para lutar, ficou embrulhada numa comprida saia castanha, rôta e suja, e numa manta nojenta e escura.

— Agora dorme, serigaita ! Amanhã estamos longe e nunca mais vês a tua rica terra ! — e Miriam apontou-lhe uma saca de linhagem a um canto da barraca, onde Rosa se deixou cair soluçando.

Adormeceu, porém, a-pesar-de tudo, cansada de chorar.

O sol não despontara, na manhã seguinte,

quando os ciganos levantaram o acampamento e a caravana se pôs em marcha. Rosa ia fechada na carroça grande, depois de lhe terem metido um horrível café pela bôca abaixo. Além dos vômitos e das lágrimas, um despêro profundo enchia a sua alma de criança; e nem fôrças tinha para rezar... Horas sem fim foram passando e os solavancos da carroça pelas estradas pedregosas sacudiam violentamente a infeliz Rosa.

— Vem comer!— gritou-lhe a velha alta, quando pararam em plena charneca ressequida pelo sol.

— Não quero — respondeu Rosa, meio desmaiada de fraqueza. Mas a velhota pegou-lhe em pêso e sentou-a no meio da turba cigana diante dum panelão de sopa gordurenta.

## II

Não pode descrever-se o que foi a aflição das duas criadas e de Juju com o desaparecimento de Rosa.

Chamada a polícia naquela mesma noite, foi um alvoroço na feira. No próprio acampamento dos ciganos, onde os polícias entraram alta noite, todos dormiam... ou simulavam; e a desgraçada pequena, morena como os outros, embrulhada em farrapos sórdidos e caída num sono profundo, passou despercebida aos olhos investigadores da polícia.

Na casa da Estrêla ninguém dormira naquela noite trágica e o pai, meio doido, andou pela cidade, prometendo as mais valiosas recompensas a quem lhe trouxesse a filhinha adorada.

Mas tôdas as buscas foram inúteis; e a pobre Rosa lá ia através do Alentejo na caravana nó-

mada, com rumo a Espanha ; o terror na alma e uma idéia única no espírito : fugir !

Chegaram, enfim, muitos dias depois, a terras espanholas ; e, quando as autoridades vieram reclamar os papéis com os nomes de cada um, Rosa ouviu Zogar apresentá-la como a pequena Zuleima, que morrera pouco antes. Ainda gritou :

— É mentira ! Não sou Zuleima ! Chamo-me Rosa e sou portuguesa ! E fui roubada . . .

Mas nessa altura começaram todos a rir em alta grita e as autoridades espanholas nem entenderam as exclamações de Rosa, que não escapou a uns valentes beliscões de Miriam.

A vida de Rosa entrou, então, numa fase de normalidade horrível ! Levantava-se, mal rompia o sol, para o tratamento dos animais, chamada pela velha cigana Mikal, rainha daquela tribo. A-pesar-dos seus modos bruscos, Mikal não lhe batia nem a tratava mal ; dava-lhe ordens sêcas e rudes, mas Rosa surpreendera às vezes uma expressão de dó no olhar que poisava nela . . .

E Omar, o rapaz do urso, murmurou-lhe um dia ao ouvido :



— Vai agüentando, cala-te sempre ; um dia ajudo-te a fugir...

Rosa ia soltar um grito, mas Omar pôs disfarçadamente o dedo indicador sôbre os beiços e Rosa conteve-se.

Percorriam as feiras exibindo os cavalos e o urso, que Omar fazia dançar ao som do pandeiro ; e era Rosa que tinha de andar entre os grupos de espectadores, a recolher as *pêrras chicas* que lhe davam.

E, às vezes, lembrava-se de olhar bem intensamente o público, na louca esperança de ver alguém que a reconhecesse...

Uma vez, nos arredores de Cadiz, pareceu-lhe ouvir falar português e gritou :

— Sou portuguesa ! Não sou cigana !...

Mas o próprio Omar, que viu a inutilidade perigosa daquele grito, começou a cantar com mais força a dança do urso, abafando a voz e as lágrimas de Rosa.

Miriam e Zogar eram o seu terror : e não havia dia em que não lhe batessem.

Quem poderia agora reconhecer Rosa naquela

garôta miserável, esfarrapada, com os cabelos em desalinho, a côr tisonada dos ciganos, os pés descalços e feridos pelas pedras da rua? Ninguém, de-certo.

Uma noite, deitada sôbre a sua saca nojenta, com os olhos abertos para o céu estrelado, Rosa, chorando em silêncio, rezou :

— Virgem do Céu, minha Mãe Santíssima, se não quereis levar-me aos meus pais, fazei que eu morra ao adormecer e não torne a acordar neste inferno ! — E fechou os olhos com fôrça, na esperança de ser ouvida e atendida por Nossa Senhora.

Dali a um momento ouviu alguém arrastar-se para junto dela ; e a voz de Omar, em segrêdo, murmurou-lhe :

— Rosinha, estás a ouvir ?

— Estou — respondeu ela.

— Se queres fugir esta noite, eu preparei tudo !

Rosa ia gritar...

— Arrasta-te até ao carvalho velho ; eu prendi o cão grande. Larga os farrapos no carvalho,

veste umas calças minhas e uma camisola que lá deixei, lava bem a tua cara negra e...

— E?... — murmurou Rosa.

— E segue para o cais, que é aqui perto. Aqui tens dinheiro meu, que te dou...

E Omar meteu-lhe na mão um saco pequeno.

— Para onde vou? — perguntou Rosa — para Lisboa?...

— Isso... Agora o que pude arranjar-te é só a saída daqui. Entra na barcaça que está encostada ao cais e pergunta pelo Ben, que é cigano e meu primo.

— E tu, Omar? — tornou Rosa.

Omar calou-se; e pegando nas mãos pequeninas de Rosa beijou-as devotamente, regando-as com lágrimas ardentes.

— Vai, Rosinha, vai depressa antes que o Zogar acorde — murmurou.

Não foi possível para Rosa, fraca como estava e com dez anos apenas, descobrir, através da noite escura, o cais e a barcaça...

la seguindo, apressada, quási a correr! e quando chegou a um largo pareceu-lhe ver brilhar água



à luz fraca duma estrêla. Aproximou-se e viu que era um tanque. Lavou a cara, as mãos, os braços, esfregando com tôda a sua fôrça : e sentiu-se quási animada, tão forte era a esperança de fugir para longe, muito longe, dos seus perseguidores !

O principal, agora, era achar a barçaça e o Ben amigo de Omar, visto que só êle estava prevenido e preparado para a sua fuga. Foi, pois, seguindo à tôa ; e eis que, à medida que o crepúsculo da manhã ia surgindo, viu perto do largo onde estava uma quantidade de mastros e barcos encostados : era o cais !

Foi-se chegando, contente, esperançada.

Os barcos eram tantos... E quem se importava com aquêles garôto miúdo, de calças larguíssimas e camisola esburacada ?

Parou, desconsolada. Tinha tanta fome...

Um vulto saíu dum dos barcos, trepou para o cais e chegou ao pé de Rosa, murmurando-lhe ao ouvido :

— *Te llamas Rosita, chica ?*

Rosa gritou, radiante :

— Sim ! sim ! sou Rosa...

Mas o rapaz, rindo, aconselhou :

— Schiu... Schiu... *Venga-te, niña* — e, agarrando-a quási ao colo, depositou-a no fundo do barco.

Pouco depois, em silêncio, o barco içou uma enorme vela e fêz-se ao largo.

Rosa, exausta, adormecera. A-pesar-da fome, da fraqueza, da horrível situação em que se encontrava, uma sensação de alívio e de esperança invadira a sua alma ; e o sono era calmo e profundo como são os sonos das crianças.

Horas passaram. E, em pleno mar alto, Rosa acordou, enfim ; espantada de se ver vestida de homem, num barco de pesca, junto a quatro pescadores que a olhavam com simpatia e comiam sardinhas, assadas ali mesmo sôbre umas brasas !

Um dêles, trigueiro como Omar e parecido com êle, disse-lhe em português :

— Não queres uma sardinha, chiquita ? Olha que eu já estive em Portugal com a minha gente, porque sou cigano. Podes falar comigo a tua língua.

— Obrigada; és o primo de Omar? — perguntou Rosa, cujo coração trasbordava de gratidão pelo pobre amigo que a tirara do inferno em que estava — Eu sou tão amiga dêle!...

Ben sorriu, contente.

— Omar é jóia de oiro! mas não quiere deixar a vida cigana, como eu deixei... A velha Mikal olha por êle com amor. E agora tu, Rosita, para onde te levaremos?

— Queria ir para casa — murmurou Rosa, com os olhos cheios de lágrimas.

— *Chiquita és preciso comer* — declarou o mais velho dos pescadores, trazendo-lhe fatias de pão escuro e uma sardinha assada.

E Rosa, comeu, com delícia, a sardinha de pele negra e tostada!

— *Una mas!* — gritou-lhe outro pescador, trazendo outra sardinha na ponta dum garfo de chumbo.

E Rosa, já sorrindo à vida, ia comendo com verdadeiro apetite o rude manjar.

No fundo do barco, bem abrigada do vento e da água, os bons pescadores prepararam-lhe uma

cama primitiva ; e, coberta com as grossas mantas impregnadas de cheiro a mar, Rosa dormiu dum sono até à madrugada seguinte.

Lembrou-se, então, que não agradecera ainda a Nossa Senhora a protecção tão evidente que lhe tinha dado... Ajoelhou, pôs as mãos e rezou com tôda a sua alma nas palavras que os seus lábios murmuravam :

— Oh minha Mãi do Céu, muito obrigada !  
Leva-me para junto dos meus pais e eu prometo nunca mais tornar a ser Rosa Teimosa !

Mas estava ainda longe o dia em que a pobre Rosinha entraria em casa dos pais...

## III

O barco navegava depressa através do alto mar, e, com a grande vela enfunada, parecia uma gigantesca gaivota deslizando, rápida... A viver semanas seguidas naquele ar forte e puro, Rosa tornava a ter as côres sadias de antes; e sentia uma gratidão profunda por aquêles bons pescadores que a tratavam com delicadezas enternecedoras, a-pesar-da sua rudeza.

— Porque não querem levar-me a Lisboa, Ben? — perguntou Rosa, depois duns dias passados a pescar entre céu e mar — Aqui têm já todo o dinheiro que Omar me deu! — e Rosa entregou o saquito a Ben.

Ben coçou a cabeça e ficou um momento calado... Depois, explicou:

— Olha, Rosita, a coisa não é tão fácil como



te parece. Nós andamos agora a pescar em águas portuguesas, sabes ?

Rosa gritou :

— Ah ! então desembarquem-me em qualquer sítio e eu vou ter a Lisboa, à minha casa. Ben, querido Ben, faz isso, sim ?

Mas o rapaz, abanando a cabeça, respondeu :

— Se nos aproximamos da costa somos apanhados, presos, multados...

— De noite, Ben, sim ? — suplicou Rosa.

Mas, neste momento, um apito estridente cortou o ar : e Ben correu até à ré proceder a uma rápida manobra junto ao velho arrais do barco. Passados uns momentos, o *Santa de la Mar* afastava-se para o lado oposto, como se fugisse...

À noite, sentados em volta da ceia, Rosa perguntou :

— Vamos a fugir ?

— Tal qual, Rosita — respondeu Ben, gravemente.

— E já estamos longe das águas portuguesas. Mas não te desconsolés : um dia havemos de te entregar aos teus pais — tornou Ben.

Rosa declarou :

— Podem estar certos, Ben, que o meu pai há-de dar-lhes uma quantidade de dinheiro ; e com que gôsto !... — acrescentou, para não os melindrar.

O *Santa de la Mar* era um bom barco ; mas passados dez dias depois daquela conversa um enorme temporal caíu sôbre êle e parecia querer desfazê-lo !

Rosa, deitada no abrigo, rezava baixinho. Os homens, atentos às manobras, receavam a todo o momento ver cair o mastro grande e partir-se o leme... A noite, muito escura, nem os deixava verem-se uns aos outros ! O vento transformava-se pouco a pouco em verdadeiro furacão ; as ondas levantavam-se como montanhas... Um enorme estrondo emudeceu de mêdo aquêles homens valentes : partira-se o leme !

Agora iam ao sabor das ondas, sem rumo, entregues só à vontade de Deus. E assim se passou aquela noite tormentosa.

Felizmente, porém, diminuía a fôrça do vento, abrandava a fúria do mar ; e, quando raiou uma madrugada triste e sem sol, o *Santa de la Mar*

estava imóvel, envolvido num nevoeiro cerrado...

— *Malo, mui malo...* — murmurou o arrais.

— Onde estamos? — perguntou Rosa.

Ben pegou numa bússola pequenina e respondeu:

— Fomos atirados para Leste. Não sei mais nada!...

E dias passaram, que começavam a ser aflitivos: pois os víveres já tinham de ser poupados e a água doce, a preciosa e indispensável água doce, ia diminuindo rapidamente...

— Vou rezar a Nossa Senhora de Fátima — disse Rosa, ajoelhando.

Mais uma noite passou naquela imobilidade trágica, envolvidos na cerração como num véu fúnebre...

— Rosita — disse Ben uma noite, mergulhados todos num desânimo profundo e não podendo aquêles pobres homens já disfarçar a apreensão em que viviam — já pensaste na possibilidade de sermos torpedeados por algum submarino?...



Rosa deu um grito de terror :

— Não ! Não, Ben ! Não é possível . . .

Um silêncio completo foi a resposta. E a noite continuou, triste, sinistra, impenetrável . . .

Rosa pensava, agarrada com fé à sua medalha de Nossa Senhora :

— Torpedear um barco de pesca ? Para quê e porquê ? Tão estúpidos não serão os do submarino em gastar um torpedo connosco. Nossa Senhora, valei-nos !

E sentia voltar a sua coragem rezando, devotamente, Avé-Marias sucessivas.

Com as velas içadas, o barco ia seguindo lentamente, envolvido pelo nevoeiro. Devia ser já madrugada, e uma luz baça de tons amarelados parecia querer dissipar a névoa, quando o *Santa de la Mar* deu um verdadeiro pulo, enquanto se ouvia um estrondo tremendo junto aos gritos apavorados dos homens e de Rosa ; e estilhaços de madeira saltaram ao ar, impelidos por uma fôrça enorme !

O mastro real caía aos bocados, o barco abria por vários lados e os pobres homens, agarrando-

-se aos destroços, viam-se mergulhados em pleno mar, sem sequer se resolverem a nadar através do denso nevoeiro.

— Rosinha querida, agarra-te com fôrça aos meus ombros! — gritava Ben, que logo pegara na infeliz criança.

— O que foi isto, Ben? — chorava Rosa.

— Devemos ter tocado numa mina — respondeu Ben.

— E vamos morrer afogados? — tornou Rosa.

— Talvez surja um navio que nos salve... — murmurou Ben, sem convicção.

Mergulhados na água gelada, agarrados aos destroços do seu barco desfeito, com fome, com frio, sem rumo, ali estavam aquêles pobres infelizes havia horas e horas...

Eis que, de-repente, ouviram bem perto, assustadoramente perto, a buzina grave dum vapor! Rosa gritou:

— Estamos salvos, Ben?!

— Ou vamos ser esmigalhados... — murmurou Ben, sem que Rosa ouvisse.

— Nossa Senhora de Fátima, olhai por nós!

— gritava a voz fraca de Rosa entre lágrimas.

E, de facto, Nossa Senhora ouviu aquelas preces... O nevoeiro começou a dissipar-se e um grande transatlântico surgiu muito perto, buzinando fortemente. Momentos depois eram os naufragos do *Santa de la Mar* recolhidos a bordo e Rosa instalada carinhosamente num modesto camarote de terceira classe.

## IV

Nunca mais houvera alegria na linda casa da Estrêla, onde os pais de Rosa choravam o desaparecimento da filha. O desgosto de Joaquina, a boa criada que se considerava responsável por aquela desgraça, fôra tal que caíra na cama com uma febre cerebral e estava entre a vida e a morte.

Juju, a última pessoa que tinha estado com Rosa, já não ria nem brincava como antes...

O Dr. Meneses todos os dias comunicava com a polícia, e os melhores agentes estavam encarregados das pesquisas.

— A criança foi de-certo levada para fora de Lisboa — opinou um dêles.

— E talvez mesmo para fora de Portugal — disse o chefe — Ora a caravana cigana que estava na feira saíu naquela madrugada para o Alentejo.

— Mas a polícia foi ao acampamento ! — disse o Dr. Meneses — e só lá viu ciganos !...

— É possível, senhor doutor ; mas aquela gente tem artes de disfarce que nos enganam tantas vezes... — e o chefe calou-se, pensativo.

— A Juju, minha sobrinha, contou que a pobre Rosinha ia atrás do rapaz do urso, quando desapareceu — observou o Dr. Meneses — não poderia achar-se êsse rapaz ?

— A pista dos ciganos — tornou o agente — foi, a meu ver, abandonada cedo demais. Vou ver se podemos retomá-la outra vez.

— Chefe — disse outro agente — êsses mesmos ciganos já cá estiveram no ano passado e existe no Govêrno Civil a lista dos nomes, idades, etc.

— Mas isso é precioso ! — respondeu o chefe — vou telefonar sôbre o assunto e você vá ao Govêrno Civil ver essa lista.

O Dr. Meneses sentia-se esperançado, depois de muitos dias de tal desânimo que nem já tinha coragem de o esconder da sua mulher. Animava-o, agora, a idéia de que o rapaz do urso tal-



vez pudesse ajudá-los a descobrir a adorada Rosa.

E, dias depois, o chefe das investigações trazia-lhe uma boa notícia : tinham conseguido reconstituir até à fronteira a passagem dos ciganos, que se dirigiam para Cadiz.

— E ia alguma pequena com êles ? — perguntou, ansioso, o Dr. Meneses.

— Figura nesta lista uma pequena de onze anos, com o nome de Zuleima ; será esta a sua filhinha ? Não é impossível...

— Como tudo é lento para a nossa ansiedade... — murmurou o pobre pai.

Mas as investigações iam marchando com alguns resultados. A polícia conseguiu saber que em Cadiz estava, de facto, um acampamento de ciganos e que havia um rapaz que fazia dançar um urso ; mas que a pequena Zuleima, inscrita na fronteira, desaparecera misteriosamente sem que soubessem do seu paradeiro ! E a velha cigana Mikal, raíña da tribo, jurara sôbre as relíquias da sua religião que não sabia nada dessa pequena.

Foi um choque terrível para os pais de Rosa

que tanta esperança punham naquela pista! Quanto à idéia que Zuleima e Rosa eram uma e a mesma pessoa também isso era uma incerteza; dêsse factó dependia, porém, o caminho a seguir nas investigações. O Dr. Meneses, sempre com o desejo de falar ao rapaz do urso, tomara a resolução de partir para Cadiz; iria êle próprio interrogar os ciganos e prometer-lhes larga recompensa.

Enquanto as investigações prosseguiam, Rosa, que contara a sua história ao capitão do transatlântico americano, era o encanto e o interêsse de todos a bordo.

Vestida elegantemente, os seus cabelos loiros penteados com cuidado, as faces rosadas pelo ar salino em que vivia havia mais dum mês, tornava a ser encantadora.

O capitão resolvera, logo que chegasse a Nova York, ir falar ao consul de Portugal e entregar-lhe a pequenita; para que, oficialmente, se participasse para Lisboa todo aquêl drama e os pais viessem buscá-la.

E Rosa, com os carinhos de que todos a ro-

deavam e a ideia de voltar breve para junto dos seus, passava dias felizes a bordo do grande navio, não esquecendo nunca a visita diária, na terceira classe, aos bons pescadores do *Santa de la Mar* a quem devia mais do que a vida: a liberdade!



## V

O Dr. Menezes conseguira, enfim, descobrir o acampamento cigano perto de Cadiz e prestes a partir para a longínqua Hungria, berço da sua raça nómada. Mas não conseguiu chegar a um entendimento com a velha Mikal, astuta e incapaz de trair qualquer dos seus irmãos de raça...

O interesseiro Zógar, porém, viu uma mina na história de Rosa — Zuleima e resolveu tirar partido de todo aquele caso.

— Preciso de falar ao rapaz do urso — declarou o Dr. Menezes, apenas entrou na enorme barraca onde tudo se preparava para a partida.

Omar, na outra barraca onde estavam os animais, nada ouviu; e Mikal, avançando para o visitante, perguntou:

— Que queres de Omar, senhor? Não está cá neste momento, nem tão cedo poderá vir.

— Preciso de o interrogar a respeito da pequena que roubaram em Lisboa — disse o doutor Menezes, severamente.

Mikal levantou os braços e respondeu :

— Nada disso foi connôscô senhor ! Estás enganado !

O Dr. Menezes tornou :

— Não vale a pena mentir. Onde está o rapaz do urso ?

Foi nessa altura que Zógar passou, vagarosamente, por traz da velha cigana e fez um sinal imperceptível ao Dr. Menezes, que saíu da baraca sem dizer mais nada.

A uns cinqüenta metros surgiu-lhe Zógar, que lhe tocou no braço...

— Quanto paga para saber ? — perguntou ó cigano.

— Muito dinheiro !... mas quero falar com o rapaz do urso.

Zógar tornou, com um sorriso velhaco :

— Era sua a menina ?

— Sabes dela, malvado ?

— Talvez... — murmurou Zógar.

O Dr. Menezes, ansiosamente, meteu-lhe na mão negra e cabeluda, umas moedas de prata...

Zógar entrou na barraca dos animais e voltou com Omar, daí a minutos.

— Diz o que sabes, rapaz, e não te hás-de arrepender!... — suplicou o Dr. Menezes.

Mas Omar, depois de contar a fuga de Rosa no barco, preparada e ajudada por êle, nada mais sabia... E os seus olhos negros marejaram-se de lágrimas.

O Dr. Menezes, profundamente comovido, quis dar-lhe uma nota de cem pesetas; mas o rapaz, indignado, declarou:

— Todo o dinheiro que eu tinha dei à adorada Rosita; e se mais tivesse para ajudar a encontrá-la, mais dava...

— Graças a ti, Omar, tenho esperança de tornar a vêr a minha filhinha — respondeu o Dr. Menezes — que Deus te abençõe pelo teu bom coração! — e apertou-lhe a mão com fôrça, saindo do acampamento.

Um profundo desespêro se apoderava pouco tempo depois do pobre pai; pois conseguira sa-

ber que o único barco de pesca que saíra de Cádiz naquela noite... desaparecera no mar, sem que se soubesse mais dos seus tripulantes!

Havia a certeza, quási, de que a frágil embarcação naufragara...

Voltou para a sua casa de Lisboa mergulhado numa dôr profunda; e todos se convenceram que a pobre Rosinha morrêra no mar. Os tristes pais vestiram luto pesado e choravam dia a dia a filha perdida.

Durante êsse tempo, Rosa seguia no vapor a caminho da América e deviam chegar nessa tarde a Nova York.

Sem avaliar o drama que se desenrolava em casa de seus pais e pensando só na enorme alegria que seria a sua quando chegasse a casa, Rosa gosava aqueles dias a bordo e encantava todos com a sua alegria e a sua graça!

Esquecera, quási, a aventura dos ciganos, a fome que passára, a imundície em que vivera, os maus tratos que sofrera de Miriam e de Zógar.

E só pensava, agora, no futuro que lhe aparecia alegre e feliz.

À chegada a Nova York, o bom capitão chamou-a e disse-lhe, em inglês:

— Miss Rose, já mandei um rádio de bordo e deve vir buscá-la alguém da parte do cônsul de Portugal.

Rosa, radiante, saltou ao pescoço do comandante e correu até a amurada a vêr o vapor entrar, vagorosamente, no porto de Nova York.

Contudo, um grande desapontamento esperava, em Nova York, a pobre Rosa! Encostada à amurada e os caracóis loiros saindo-lhe da bóina branca que uma senhora lha dera, gozava o espectáculo maravilhoso daquele pôrto lindíssimo, à entrada do qual se ergue, colossal, a célebre estátua da Liberdade. E os seus olhos não se sa-  
ciavam de olhar e admirar!

Atracado, enfim, ao cais, o enorme vapor estava parado e começava o desembarque dos inúmeros passageiros. Era como o desenrolar dum filme, aquêlê desfile interminável de pessoas; novas, velhas, altas, baixas, gordas, magras... Rosa estava tão divertida que nem ouvia, a seu lado, as



vozes rudes dos seus amigos, os pescadores do *Santa de la Mar*, a despedir-se dela :

— *Adioz, chiquilla ! Buena suerte, niña !* Rosita, adeus !

— Eu quero mandar-lhes uma lembrança de Lisboa — declarou Rosa, pondo as suas mãos pequeninas nas mãos calosas que a tinham salvo.

— Para onde hei-de mandar, Ben ? — perguntou.

— O mais simples é para o consulado português em Cadiz, e nós aceitamos — acrescentou — porque queremos ter a certeza de que a nossa Rosita está outra vez em casa !

Rosa ficou só, a ver desfilar os passageiros. Passadas muitas horas, chegou-se a ela o comandante e disse :

— Não está ninguém para a buscar, *miss Rose* ! Não percebo ! Telefonei para o consulado e dizem de lá que o cônsul está fora, no Estado de Massachussets...

— E eu para onde vou ? — perguntou Rosa, com um tremor na voz.

— Não se aflija, Rosita *darling* — respondeu o comandante, abraçando-a. — Eu vou levá-la a um

colégio de meninas onde estão as minhas duas pequenas e ali fica até se conseguir comunicar com os seus pais. Verá que até gosta de lá estar; e eu mesmo é que a levo amanhã de manhã.!

Rosa ficou calada. Tôda a noite esteve acordada... Quantas conseqüências tinha tido a sua caprichosa teimosia! Pensava, agora, no que devia ser o enorme desgosto dos seus bons pais, da querida *miss* Parker, das criadas que tanto a estimavam, da Juju sua companheira de estudos e brincadeiras... Parecia-lhe que havia anos, muitos anos, que fôra à feira do Campo Grande e fugira ao chamamento da boa Joaquina para correr atrás de Omar...

E, de-facto, havia já perto de cinco meses que Rosa saíra de casa.

Muito alta e forte, já com onze anos, Rosa, naqueles cinco meses, mercê dos grandes acontecimentos por que passara, parecia ter já quinze anos; e um ar grave substituíra nela a despreocupação que antes brilhava nos seus olhos risinhos.

## VI

Quando entrou no enorme colégio ao lado do Comandante, depois duma noite passada na sua esplêndida casa de Broadway, 20.<sup>o</sup> andar dum prédio que parecia tocar no céu, Rosa sentiu-se tão pequena... Jardins cheios de relvados e árvores lindas estendiam-se até perder de vista; e em volta da casa, verdadeiro palácio coroado de terraços floridos, via-se uma multidão de crianças de tôdas as idades.

Os hábitos brancos de Irmãs Dominicanas deslizavam entre a pequenada e, à medida que o Comandante avançava com Rosa, duas Irmãs aproximaram-se a passos rápidos.

— Onde estão as suas filhas, Comandante? — murmurou Rosa, apertando a mão do Comandante.

— Vou já mandá-las vir, Rosita — respondeu êle, paternalmente.

Marjorie e Bela eram os nomes das duas filhas do Comandante Hardy; e logo Rosa se sentiu atraída pela gentileza de Marjorie, que, já com quinze anos, breve se tornou a sua protectora entre o rancho buliçoso de centenas de raparigas.

E como Rosa falava perfeitamente o inglês, entendiam-se muito bem.

Bela, a-pesar-do seu nome, não era bonita nem simpática. Branca de pele e com os cabelos ruivos muito encrespados, tinha um feitio ciumento e maldoso que logo se revelou no primeiro contacto com Rosa.

De dois anos mais nova do que a irmã, era precisa tôda a autoridade sensata de Marjorie para impedir as manifestações de feia inveja de que Rosa era sempre a vítima.

— Falas de teus pais e da tua casa, sim, mas nunca aparece ninguém para te visitar; e se não fôsse o meu Pai nem dinheiro tinhas para cá estar... — dizia Bela muitas vezes, depois de passarem semanas sôbre a chegada de Rosa ao colégio.

Uma onda de sangue subia sempre à cabeça de



Rosa; mas limitava-se a encolher os ombros ou a responder:

— Um dia vêm-me buscar; e não levo saídas tuas, Bela!

Mas com Marjorie e com a boa Irmã Patrícia, a professora principal, a pobre Rosa desabafava o seu desânimo e o seu desapontamento.

— O Pai partiu para outra viagem, Rosy! — disse-lhe Marjorie naquela manhã — e por isso não voltou cá. Mas há razões que explicam esta demora, sabes?

Rosa murmurava, tristemente:

— Não tenho notícias, não tenho dinheiro, não conheço ninguém...

Marjorie abraçou-a ternamente e confirmou:

— O cônsul da tua terra adoeceu em Massachusetts e só vem daqui a um mês, Rosy! E o telegrama que mandaram do consulado a perguntar pelo teu pai em Lisboa teve uma resposta...

— Qual? — gritou Rosa, ansiosa.

Marjorie respondeu, baixinho:

— A casa de Lisboa está fechada e os teus pais



foram para os Açôres ; está-se à espera da morada dêles.

Rosa encostou-se ao ombro de Marjorie e chorou copiosamente.

A Irmã Patrícia interveio :

— Vamos à capela, Rosy ; vamos pedir à Virgem para tu voltares breve para casa.

Nessa tarde, porém, um novo acontecimento veio surpreender Rosa, incutindo-lhe algum ânimo.

## VII

Entre as classes das pequeninas espalhara-se a história das aventuras de Rosa, e uma enorme curiosidade enchia aquelas centenas de cabecitas, desejosas de ver a heroína de tantos e tão variados acontecimentos.

— De que terra é ela? — perguntavam umas às outras.

— Ouvi dizer que é preta e tem um anel de ouro pendurado no nariz!

— Isso é mentira, sei que é da Índia e usa um grande pano a cobri-la tôda!

— Nada disso, patetas, é uma verdadeira chinesa, com calças até aos pés!

— Quem a conhece bem é a Marjorie Hardy — observou uma pequenita de oito a nove anos chamada Jenny — e como eu sou prima dela vou-lhe perguntar.

E nessa mesma tarde, Jenny, triunfante, anunciou no recreio:

— É portuguesa! não tem anel nenhum no nariz, nem usa calças até aos pés, nem anda coberta com um pano!...

Jenny sentia-se importante e continuou:

— As portuguesas são de Portugal, é uma terra onde até eu já estive e tenho lá pessoas que são meus tios e primos!...

Soaram gritos de espanto entre o auditório.

— Mas onde é essa terra? — perguntou uma.

Jenny respondeu, solene:

— É uma terra esplêndida! E a minha Mummy é de lá!...

— Isso é que não é, Jenny! a tua Mãe chama-se Mrs. Smithson e é americana como tôda a gente da América — replicou outra.

— A Mummy chama-se Ana, e eu tenho lá muitos primos e moram em Lisboa, e eu lá não sou Jenny, sou Geninha! — retorquiu Jenny, com fôrça.

— Conta, Jenny, conta da tal rapariga que foi roubada pelos ciganos!

Jenny, excitada, tornou :

— E eu hoje vou com a irmã Patrícia, conhecê-la e falar com ela e talvez ela até vá lá a casa nas férias da Páscoa !

A-pesar-do seu desapontamento enorme, ao ver que ainda não tinham conseguido comunicar com os pais, Rosa não podia deixar de gostar da vida activa, sadia e interessante que era a sua no colégio de S. Domingos, naquele arrabalde de Nova York.

Logo de manhã, muito cedo, fortes sinêtas acordavam as crianças e era um bulício nos alegres dormitórios e pelos vastos corredores que conduziam ao duche diário ! Depois, o primeiro almoço em mesas pequenas de alegres toalhinhas, com o café e a nata deliciosa, as fatias de pão com manteiga e *jam*...

Muitas vezes, quando o tempo estava bom, as aulas eram ao ar livre ; e Rosa, que desde os seis anos tivera óptimas mestras, estrangeiras e portuguesas, fazia boa figura entre as raparigas da sua idade e adorava estas lições sôbre os reivados, à sombra de árvores seculares.

A dança, o desporto de t $\hat{o}$ da a esp $\acute{e}$ cie, os passeios a cavalo no enorme picadeiro, constitu $\acute{i}$ am tamb $\acute{e}$ m uma del $\acute{i}$ cia; e s $\acute{o}$  uma nota triste, al $\acute{e}$ m da espera ansiosa e constante pelas not $\acute{i}$ cias, ensombrou a vida de Rosa: a inveja e a maldade de Bela Hardy, sempre pronta para lhe ser desagrad $\acute{a}$ vel, vexando-a diante das outras crian $\acute{c}$ as!



## VIII

O encontro com a pequena Jenny Smithson, a encantadora Geninha, filha de Ana Lawrence e Tom Smithson<sup>1</sup>, foi para Rosa um acontecimento alegre : falou a sua língua, contou a sua odisséia e descobriu, até, que tinham em Lisboa imensos conhecimentos comuns ! Em vista do que a Irmã Superiora resolveu convocar os pais Smithson, na esperança de dar uma solução à estranha situação de Rosa.

Tendo parentes em Portugal era natural que Mrs. Smithson pudesse informar a família Menezes de que estava sã e salva a sua filha e pronta a seguir para Lisboa.

E aconteceu que os pais de Jenny conheciam

---

<sup>1</sup> Vidé *Ana vem a Portugal*, Livraria Bertrand.

pessoalmente os pais de Rosa !!! E tinham convivido com êles na Madeira durante a doença do seu filhinho Patrick, morto no Funchal.

Rosa ouvira tudo isto, palpitante...

— Fêz-nos tanta pena a tristeza em que viviam os teus pais, Rosa, na aflição de te julgarem morta (sem sequer terem disso a certeza), que o Tom e eu ainda os considerávamos mais infelizes do que nós, que acabávamos de ver um filhinho adorado morrer nos nossos braços... — E Mrs. Smithson acariciava a cabeça loira de Rosa.

— Não devemos tirar-te do colégio sem voltar o Comandante Hardy — tornou Mrs. Smithson — mas vamos já hoje escrever para os Açôres. O nosso correspondente na Madeira se encarregará de fazer seguir a carta.

Rosa, enternecida e grata, abraçou Mrs. Smithson com ternura e a sua vida no colégio tomou desde então uma feição calma que até ali não tinha tido.

Uma grande mudança se dera na antiga Rosa-Teimosa... Amadurecida por êsses meses aventurosos, recordava a sua vida anterior, na luxuosa

casa da Estrêla onde todos se sujeitavam aos seus caprichos, como um sonho já longínquo... E parecia-lhe que esta Rosa de hoje, sob a influência inteligente da Irmã Patrícia e da boa Marjorie, não era a mesma pessoa...

O estudo tomara uma grande importância na sua vida; habituara-se a ler, a observar, a pensar nos outros e não só em si.

E a certeza de poder breve abraçar os pais adorados enchia-lhe a alma duma profunda alegria!

Chegara a Páscoa, a mais alegre festa dos cristãos do mundo inteiro! E à mesa da família Smithson, entre flores lindíssimas, caras risonhas e amigas, estava Rosa, vestida com elegância, os loiros caracóis emoldurando-lhe as bochechas rosadas.

O Comandante Hardy, à direita de Ana Smithson, olhava-a com ternura paternal; e a própria Bela, que a Irmã Patrícia conseguira fazer mudar de atitude, juntava a sua alegria à de todos.

— O que tenho a dizer-te hoje, Rosa, é impor-

tante e agradável — declarou o Comandante, quando chegou o momento das saúdes.

— Oh Rosa, ouve bem o que vai dizer o Pai!  
— disse Marjorie risonha.

— Meu Deus, o que será? — murmurou Rosa, aflita.

— É tudo bom, Rosinha...

— Ótimo! — advertiu Tom Smithson, fazendo-lhe uma festa na cabeça.

— Comandante, recebeu carta do Pai? — perguntou Rosa, ansiosamente.

— Melhor! muito melhor! — gritou Jenny, com entusiasmo.

E o pequeno Bob, que não jantava à mesa e andava em volta a dar as boas noites, exclamou, imitando a irmã:

— Melhor! muito melhor!

Mas, nesta altura, o Comandante pôs-se em pé, com a taça de champanhe na mão e, com voz vibrante, clamou:

— Eu bebo à saúde dos pais de Rosy, para quem êste dia de Páscoa é o mais feliz de tôda a sua vida!... Hip! Hip! Hip! Hurrah!!!

Parecia uma trovoada aquêlle «Hurrah» que todos acompanharam! e eis que se abriram as largas portas da sala e entraram, radiantes, os pais de Rosa Teimosa!...

Há momentos de funda comoção que mal podem descrever-se. E quando Rosa se sentiu nos braços dos pais, foi um dêsses momentos inolvidáveis que não se descrevem com palavras!... Os beijos, as ternas expressões, os carinhos sem fim, irradiavam daquelas três criaturas, separadas duma maneira tão estranha e agora reünidas numa tão profunda felicidade!

Rosa, daí em diante, tornou-se uma rapariga sensata, estudiosa, boa: já só lhe chamavam todos — *Rosa Bondosa!*



## O sorriso de Jesus

— Oh Mãzinha, eu queria ver Jesus! — disse Maria João à mãe, quando, naquela véspera de Natal, a mãe veio beijar os seus adorados filhos à cama: Maria João e João Maria, gêmeos de oito anos.

— Também quero ver Jesus! — gritou João Maria.

— Não creio que essa felicidade lhes seja dada, queridinhos — respondeu a mãe, rindo — Contudo talvez, nesta santa noite, o Menino Jesus queira aparecer-lhes? Bem sabem que é a noite de Natal; e há 1940 anos que Nosso Senhor veio ao mundo.

Maria João ficou pensativa. Depois tornou:

— Oh Mãe, como eu gostava de ver Jesus! Eu

gosto tanto, tanto d'Ele, Mãzinha! — A mãe beijou-a ternamente.

— Eu queria dizer a Jesus tanta coisa, Mãzinha...

— Agora dorme, meu amor; e amanhã, logo que acordares, verás as prendas que o Menino Jesus te mandou!

— E eu? E eu? — clamou a voz ansiosa de João Maria.

— Lá vou já, meu Janeco — respondeu a mãe, encaminhando-se para o quarto ao lado, depois de apagar as luzes e abrir a larga janela que dava sobre o jardim.

Natal! Natal! Os sinos da meia noite tocavam solenes, chamando os cristãos à missa; e havia pelas ruas um movimento alegre a-pesar-do frio intenso. Como é feliz para os cristãos a noite de Natal!

Tudo era, porém, silêncio nos quartos de Maria João e João Maria; e, pela janela aberta, entrava agora um raio de luar, formando até à caminha de Maria João como uma estrada de prata...

Mais uma vez, 'antes de saírem para a missa,

os pais dos gémeos vieram espreitá-los no seu sono calmo e profundo; depois... a casa tôda ficou num absoluto silêncio.

Maria João dormia; mas através do seu sono que vê ela de-repente? No raio de luar que invade o seu quartinho desenha-se uma figura luminosa e linda, em tons de ouro e prata... É uma figura de criança, uma criancinha como ela, de alva túnica até aos pés, o cabelo todo em cacóis, os bracitos abertos... Oh meu Deus, não será Jesus, o adorado Menino, que vem vê-la num raio de luar?! Maria João quiere falar, quiere erguer-se para se pôr de joelhos, quiere chamar o Janeco para que êle veja também, mas nada pode fazer, o seu corpo nega-se a qualquer movimento; parece pegado à cama! Consegue, porém, articular baixinho, numa adoração — Jesus! Jesus! — E o Menino baixa um pouco a cabeça...

Então Maria João, ganhando coragem, fala e sorri, numa intensa felicidade.

— Oh meu Jesus, eu quero dar-te o meu coração! Eu quero mostrar-te como sou Tua ami-

guinha! — Jesus olhava-a gravemente ; mas a sua expressão era quási triste...

— Jesus, meu Jesus — tornou Maria João — Tu não me acreditas ? Vou encher de flores a Tua imagem linda... — Jesus olhava-a com a mesma gravidade.

— Jesus, meu Jesus, que queres Tu de mim ? que posso eu fazer para ver o Teu sorriso ? hei-de adorar-Te sempre sôbre tôdas as coisas...

Mas Jesus continuava grave e triste ; e o Seu olhar ia direito ao coração de Maria João — Que fazer para me sorrir, Jesus ? — Maria João pensou, um momento...

— Meu Jesus, meu Jesus, vou passar o dia do Teu nascimento a dar alegria aos outros ! — Pareceu a Maria João que a tristeza de Jesus diminuíra um pouco...

— Dos meus brinquedos vou dar muitos aos pobrezinhos...

Jesus começava a sorrir, não havia dúvida ! E Maria João, radiante, continuou :

— Para Te dar alegria, meu Jesus, o que não farei eu ? E já sei qual é a Tua única alegria, oh

meu Menino Jesus : é que todos possam tê-la no Teu dia de Natal ! — Então Maria João viu um sorriso luminoso no rosto de Jesus ; e sentiu que a Sua mão lhe poisava suavemente na testa . . .

Era já manhã clara quando Maria João acordou e viu, junto à sua cama, os pais e o irmão, que a olhavam ansiosos.

— Tiveste febre esta noite — disse a mãe — e passei horas com a minha mão sôbre a tua testa.

— Sabes o que vamos fazer esta tarde, Janeco ? — gritou Maria João — Vamos levar alegria aos pobrezinhos do lado, queres ?

— Alegria ? — perguntou João Maria, sem compreender.

— Levamos bonecos, carros, livros, bolos : foi Jesus que me deu essa idéia !

— Minha filha, sossega . . . — disse o pai, apressivo.

— E Jesus veio ver-me, Mãe ! E Jesus sorriu tão contente !

— Eu não vi nada — respondeu João Maria, vexado — mas gosto de dar coisas aos pobrezinhos.



E, nesse feliz Natal, Maria João e João Maria começaram a fazer o que nunca mais deixaram de fazer pela vida adiante : a partilhar com as crianças pobres tôda a alegria de que os rodeavam a êles...

## As quintas-feiras da tia Patrocínio

A senhora D. Maria do Patrocínio era uma senhora já velhinha ; mas tão bem disposta, sempre, tão cheia de saúde para os seus setenta anos, que a criançada tôda era doida por ela. Quando, às quintas-feiras, juntava no seu palácio umas dezenas de pequenas e pequenos, quási todos sobrinhos e primos, a boa senhora sentia-se feliz ! e as crianças, sem excepção, mais felizes ainda se sentiam.

Que belas brincadeiras ali se inventavam ! Se o tempo estava bom lá ia o rancho todo para o jardim ; corriam em volta dos canteiros floridos, deitavam barquinhos vários no lago, andavam no baloiço, iam ver as capoeiras, trepavam, até, às árvores, o que constituía um dos maiores divertimentos !

Se o tempo estava mau, nem por isso se divertiam menos: arranjavam charadas figuradas, faziam jantarinhos, cantavam em côro, dançavam no enorme salão ao som dos discos animados.

E a boa Tia Patrocínio, como tôdas as crianças lhe chamavam, revia-se naquela alegre mocidade e gozava quási tanto como as crianças.

Entre as pequenas do rancho, Maria Angélica era uma das mais velhas: fizera onze anos, já, e crescera tanto que até parecia mais. A sua vivacidade alegre, a sua formosura sã faziam dela a preferida da Tia Patrocínio; mas nenhuma das outras crianças se melindrava por isso e aquelas alegres quinta-feiras eram para todos o dia mais feliz de tôda a semana!

Uma tarde, chuvosa e fria, a Tia Patrocínio organizou um jôgo divertido (embora já muito velho e ainda do tempo em que a boa senhora era nova) Chamava-se o jôgo do *Pai Gregório* e havia prendas óptimas (embrulhos misteriosos preparados de antemão) para quem ganhava. Era um jôgo de cartas; e juntavam-se famílias, desi-

gnadas pelos diferentes naipes. Havia a família do *Pai Gregório*, que era espadas; a do *advogado* que era ouros; a do *médico* que era copas e a do *jardineiro* que era paus.

— Sabem o que se vai fazer, queridinhas? — disse a Tia Patrocínio, depois de ensinar a marcha do jôgo — Só se desembrulham os presentes quando o jôgo acabar.

— Sim! Sim! — gritaram vozes entusiasmadas.

Os presentes, embrulhados em papel de sêda, estavam no meio da mesa redonda da casa de jantar; e um dêles, destinado a quem juntasse a família do *Pai Gregório*, era enorme, bojudo, parecia ter braços e pernas! O que seria?

— Aquêle é que eu quero para mim — declarou Maria Angélica — quem me dera apalpá-lo — acrescentou.

— Não vale! — exclamou José Maria, indignado.

— É só eu querer... — tornou Maria Angélica. Mas a Tia Patrocínio interveio:

— É proibido tocar nos presentes.

E o jôgo começou com entusiasmo.

— Tirei a família do jardineiro! — declarou Luízinha, apresentando a sua *família* reunida.

— Está aqui a prenda; mas só se desembrulha no fim — disse a Tia Patrocínio.

E Luízinha consolava a sua impaciência devorando o embrulho com os olhos.

— Ganhei o *médico*! — exclamou José Maria.

— *Pai Gregório*! — gritou Gabriela, radiante, agarrando com as mãos ambas o enorme embrulho.

Houve uma gralhada geral.

— O que será?

— Deixa apalpar!

— Parece uma boneca!

Só Maria Angélica, numa aparente indiferença, nada dizia. Parecia alheia, os olhos fitos no jardim que se via ao longe, sob uma chuva miúda...

— Ganhei o *advogado* — disse Júlio; e a Tia Patrocínio, entregando o último embrulho da série, declarou, contente:

— Vá, meninos, toca a desembrulhar!

Então foram exclamações e gritos de alegria ao ver os brinquedos vários que surgiam! Mas



quando Gabriela, desembrulhando lentamente, amorosamente, o prêmio do *Pai Gregório* viu nas suas mãos uma linda boneca, tôda vestida de malha, houve um silêncio geral, tal foi a comoção !

Gabriela beijava a cara imóvel da boneca, estreitava-a contra o peito, fazia-lhe festas. . .

E tôdas as pequenas queriam pegar-lhe com extremos e carinhos maternos.

— Olha, Maria Angélica, olha a minha boneca !  
— e Gabriela levou a nova *filha* junto de Maria Angélica, sua prima co-irmã.

Mas Maria Angélica, encolhendo os ombros, respondeu :

— Tenho visto muitas assim -- e saíu da sala com o semblante carrancudo.

A Tia Patrocínio assistira à cena ; e um profundo desgosto, absolutamente inesperado, invadiu o seu coração. Que feio sentimento era aquêle que agora dominava Maria Angélica, a sua sobrinha querida, a sua predilecta até ali ? Seria possível que a criança tivesse *inveja*, êsse horrível pecado mortal ? ! Correu, quanto as suas pernas lho permitiram, e encontrou Maria Angélica na

copa, sentada tristemente a um canto. Abraçou-a, e perguntou :

— Minha filha, que tens tu ?

Maria Angélica não respondeu; mas, agarrada à boa tia, chorou convulsamente um longo momento.

— Eu queria a boneca ! Eu queria a boneca !

A Tia Patrocínio respondeu-lhe, gravemente :

— Minha pobre pequena, será possível que sejas invejosa ? Que triste coisa essa . . .

Maria Angélica continuava a chorar.

— É um sentimento tão baixo, tão feio, que só terei descanso quando vir que já o não tens. Vamos ter com as pequenas, agora. Vais beijar a tua prima e pegar na linda boneca que a sorte lhe deu.

Maria Angélica, envergonhada, voltou para a mesa do jôgo, onde já recomeçara um novo *Pai Gregório*. E, oh espanto ! lá estava outra boneca embrulhada à espera de quem a ganhasse !

— Saíu à Maria Angélica ! Vejam ! Vejam ! — gritaram mil vozes. Mas, com a admiração geral,

AS QUINTAS-FEIRAS DA TIA PATROCÍNIO 71

Maria Angélica ofereceu a linda boneca à sua prima Eugénia!

A tia Patrocínio, comovida, abraçou-a com maior ternura ainda, e murmurou-lhe:

— Bravo, minha filha! Assim é que eu te quero!



## As partidas de Joanhina

Joanhina tinha nove anos; era bonita, forte, engraçada. Como não tinha irmãos com quem brincar, entretinha-se muitas vezes sòzinha; mas o pior era o mau génio e o gôsto que tinha em fazer partidas desagradáveis a uns e a outros.

Quando ia passar a tarde a casa dos primos, as próprias criadas ficavam aterradas com as idéias de Joanhina; e a tia pedia-lhe sempre:

— Vê lá, Joanhina, não faças maldades! Não te lembres de partidas a ensinar à Isabel; não passeies na borda do tanque, não? Brinquem antes com as bonecas. — Joanhina respondia, cheia de boa vontade:

— Pois sim, tia — mas, daí a momentos, o seu



espírito vivo inventava tolices, qual delas a mais detestável!

— Olha, Isabelinha — lembrou ela, nessa tarde — as bonecas adoeceram tôdas: têm varicela. Mas como se vacinaram não há perigo; vão para a cama e nós vamos fazer partidas.

Isabelinha tremeu! Joaninha continuou:

— Não são coisas que façam mal a ninguém. Vamos começar por... Olha, dá cá uma agulha.

— Uma agulha! Para quê? — perguntou Isabelinha.

— Não sejas parva — ralhou Joaninha — vou enfiá-la.— E, com a agulha enfiada na mão, Joaninha e Isabelinha dirigiram-se ao quarto dos pais, pé ante pé.

— Vamos coser as mangas da camisa da tia, percebes? — disse Joaninha a rir. Mas Isabelinha não percebeu.

— Para quê? — perguntou.

— Para a tia não poder enfiá-las logo à noite! — explicou Joaninha, começando a dar grandes pontos nas mangas de fina sêda.

Isabelinha tinha quási vontade de chorar...

Joaninha dobrou cuidadosamente a camisa e continuou :

— Vamos pôr uns feijões dentro dos sapatos do tio : Quando os calçar a tôda a pressa, faz-lhe doer !

— Não acho graça nenhuma a essas maldades, — disse Isabelinha, amuada.

— Bem, então vamos para a casa da costura para ao pé da senhora Perpétua — respondeu Joaninha.

Mas a senhora Perpétua, entretida a coser a roupa da lavadeira, não apreciava a companhia de Joaninha, sempre pronta a apoquentá-la ; e continuou a coser em silêncio.

— Olhe, senhora Perpétua, sabe que me fêz pena o Maltês quando passei esta tarde pela sua casa ? — disse Joaninha, com desusada doçura. A senhora Perpétua olhou-a por cima dos óculos.

— Que tinha o Maltês, menina ? Estava são e escorreito quando vim para cá.

— Coitadinho do gato ! — continuou Joaninha, tristemente — pelo estado em que o vi, deve estar

morto, mesmo... — A senhora Perpétua levantou-se, chorosa, e exclamou:

— Ai, menina, não me diga outra! O pobrezinho do animal miava esta manhã que cortava o coração... Deixa-me já ir ver o que lhe sucedeu — e a senhora Perpétua saiu da casa da costura com lágrimas nos olhos e gemidos sem fim. Joaquinha e Isabelinha foram tomar chá; e daí a momentos, ouvia-se a voz lamurienta da velha costureira queixando-se às criadas:

— Ora vejam o feitio torto daquela menina! Bem lhe fica o nome de Rabina! Se há-de procurar ser agradável à gente, dar alegria a uns e a outros, fazer partidas boas, não senhor: só o que incomoda é que lhe dá gosto! T'arrenego. Daqui a pouco ninguém a pode ver.— A senhora Perpétua voltou para a casa da costura, muito zangada.

Joaninha ouvira as queixas e as observações da velhota; e, como era inteligente, começou a pensar...

— Então eu tenho o feitio torto? Só dou desgostos e aborrecimentos a uns e a outros? Podia fazer partidas que dessem alegria...

— Em que pensas, Joanhinha? — perguntou a tia, ao vê-la tomar o seu chá em silêncio. Joanhinha levantou-se e chegando ao pé da boa senhora, abraçou-a e respondeu:

— Tiazinha, vou ver se mudo as minhas diabruras para coisas boas! Senão, daqui a pouco todos me detestam...

— Que dizes tu, menina?! — perguntou a tia, sem compreender.

— É que eu, afinal, não sou querida de ninguém, Tiazinha! Só faço zangar as pessoas! e ninguém gosta de mim! Então resolvi dar gosto e alegria a todos. Olhe, quere que lhe vá buscar o banquinho para os pés? Quere que lhe deite o chá na chícara? Quere os seus óculos?

A tia estava espantada! e, encantada com a doçura da sobrinha, beijou-a afectuosamente.

De então em diante as partidas de Joanhinha passaram a ser sempre surpresas agradáveis para todos. Quando ela chegava a qualquer casa só se ouvia dizer a grandes e pequenos, entre os risos alegres que a acolhiam:

— Lá vem a Joanhinha! Que bom!





## Bento, o avarento

Em casa da baronesa do Vale festejava-se o aniversário de Bento, que fazia onze anos naquele dia. A baronesa, viúva havia seis anos, enchia de mimo aquêlê filho único; e não havia nada que achasse demasiado para lhe dar prazer e alegria.

Bento não era mau; mas, habituado a fazer a sua vontade, não gostava que o contrariassem, o seu génio era vivo e, além dêsse defeito, tinha um outro mais grave ainda: era avarento.

O seu mealheiro, onde a mãe deitava muitas vezes belas moedas e o doutor Pinto, seu tio e padrinho, muitas notas de 20 escudos, ia atingindo já somas importantes! E um dos gostos de Bento era abri-lo, contar o seu tesouro, sopesando as

moedas de prata e mirando as notas do Banco. Os primos e as primas troçavam-no ; e Maria da Piedade, a mais velha, que adorava Bento e muito se desgostava de o saber avarento (e a avareza é um dos pecados mortais !) disse-lhe um dia :

— Sabes tu, Bento, o dinheiro só tem valor para o transformarmos em cousas boas e úteis !

Bento indignou-se e exclamou :

— O dinheiro junta-se ; e se a gente tiver cada vez mais, está feliz e nunca lhe falta nada.

— Falta-lhe tudo se não tiver bondade, saúde, a graça de Deus, e tanta coisa mais !...

— Deixa lá, Piedade ; tu não sabes.

— Eu é que sei — tornou Piedade — e quando te vejo assim avarento, chego a ter mêdo que venhas a ser infeliz, coitado !

— Infeliz, eu ? Quando tenho dinheirinho no meu mealheiro estou sempre feliz — e Bento sacudia alegremente o seu mealheiro, já cheio de notas e moedas.

— Sabem o que nós vamos fazer para a Páscoa ? — perguntou Berta, uma loirita de nove anos.

— Conta lá, Bé! — gritaram algumas vozes.

— Os manos e eu vamos juntar todo o dinheiro que pudermos; e com êsse dinheiro vamos comprar camisolas para dez crianças pobres da freguesia!

Piedade exclamou:

— Que bela idéia! e como vocês vão regalar-se com a alegria das crianças!

Bento resmungou:

— E para isso é que estiveram a juntar patacos? O gôsto não vale o trabalho!

Mas daí a umas semanas, no sábado de Aleluia, reünia-se o rancho em casa dos tios de Bento; e lá estava a engraçada Berta, radiante, a mostrar as bonitas camisolas azues, brancas, amarelas, verdes, encarnadas, que tinham comprado.

Chamaram-se as dez criancinhas de 4 e 5 anos; e quando apareceram, tôdas vestidas com as camisolas, era difícil saber quem mais feliz se sentia, se as ricas se as pobres! Só Bento, meio amuado, não tomava parte naquela doce alegria. E quando à tarde chegou a casa foi à gaveta do mealheiro para ver outra vez o seu tesouro. Mas,

oh desespero ! o mealheiro tinha desaparecido ! Bento correu ao quarto da mãe, gritou, chorou e nada podia consolá-lo da perda do seu adorado mealheiro !

A mãe, intrigada, perguntava a si mesma :

— Quem tiraria o mealheiro ao pequeno ? !

Tendo em casa só criadas antigas, que tôdas adoravam o rapazito, não podia desconfiar de ninguém. Nessa noite, porém, a boa Piedade veio consolar o primo ; e como no dia seguinte era o jantar da Páscoa em que a família tôda se reunia alegremente, Piedade conseguiu fazer esquecer o desaparecimento do mealheiro.

Nos dias seguintes Piedade levou Bento consigo a visitar umas famílias pobres daquele bairro ; e ia carregada de bôlos e brinquedos para as crianças, a quem Bento os distribuía por suas mãos.

— Queres tu dar ou preferes que seja eu ? — perguntou uma das vezes a boa prima.

— Deixa-me ser eu — pediu Bento, já interessado ao ver os olhos brilhantes dos pobrezinhos fixados no que levavam. Agora era êle que de-



sembrulhava tudo, apressadamente, com um interesse que antes não tinha...

E a alegria louca das crianças, ao receber as prendas, enchia-o de sincero entusiasmo!

No Domingo de Pascoela, ao entrar no quarto, Bento deu um grito: o seu mealheiro estava no meio da mesa! Quem o teria pôsto ali?? Em casa ninguém o sabia. Mas à noite, quando Piedade entrou na sala dos tios e beijou Bento com ternura, o pequeno segredou-lhe:

— Foste tu que m'o tiraste? Eu bem sei que foste, Piedade. E queres saber o que me acontece? — Piedade sorriu sem responder.

— Olha — continuou Bento — vou ter a grande alegria de dar o meu dinheiro aos pobres! Que belas coisas posso comprar para êles, Piedade!

E, assim, Bento, conhecendo, enfim, a alegria enorme de dar aos outros, nunca mais sentiu em si o feio pecado da avareza; e, agora, o juntar das moedas e das notas ainda maior gôsto lhe dava do que antes!





## A corcundinha

Todos se riam de Ana Maria, na aldeia, por ser disforme, coitadinha! Era uma falta de caridade tão grande, que até o senhor prior, muitas vezes, ralhava a bom ralhar durante a catequese. E que estupidez selvagem a dêsse riso das outras crianças, não se lembrando que poderiam ter igual desgraça, mais dia, menos dia...

O que é certo é que a pobre Ana Maria vivia triste com a madrinha, pobre também, que a levava para casa por terem morrido os pais da corcundinha. Ana Maria era boa e inteligente; fazia recados a todos, ajudava a madrinha no arranjo da casa e, a-pesar-de ter só oito anos, lá ia também tirando alinhavos ou chuleando costu-

ras. O seu corpito era feio e torto, é certo ; mas a sua alma linda e sã como poucas !

— E eu nunca poderei ter as costas direitas como as outras ? — perguntou ela um dia à menina Francisquinha, que ensinava a catequese na igreja.

— Minha pobre Ana Maria, só um milagre te pode curar ! — respondeu Francisquinha, acariciando-a — Nossa Senhora queira fazê-lo . . .

— Ainda há milagres ? — tornou Ana Maria, esperançada.

— Há, sim, Ana Maria ; mas o que tu deves é pensar só na tua alma : se a tiveres sempre boa e linda, ninguém se importa que o teu corpo seja aleijado.

Mas, no meio da tropa turbulenta das crianças, ouvia-se sempre, em tom de troça :

— Lá vai a marreca ! Larga o sacco que levas às costas ! — e outras maldades.

Uma tarde, saíam todos da igreja, acabada a a doutrina, e viram um cãozito pequeno, de rabo cortado e aspecto lazarento, a fugir, ganindo, perseguido pelas pedradas dum garôto.

Já uma grande pedra o apanhara numa das pernas e o pobre animal deixou-se cair, sem forças para correr mais.

— Agora é que é bater-lhe — gritava um rapaz; e vinham-se aproximando vários outros, rindo maldosamente.

Então Ana Maria, a-pesar-da sua fraqueza e da sua pequenez, chegou-se ao cão, pegou-lhe com carinho e sentou-se no chão abraçada ao animal.

— Se lhe quiserem bater hão-de bater-me a mim também — gritou, indignada.

— Larga o cão, marreca !

— Tira-te daí, aleijada !

— O coxo e a corcunda agarrados um ao outro !

E eram gargalhadas medonhas.

Ao ouvir o borborinho que ia crescendo, algumas mulheres da aldeia assomaram às portas chamando a rapaziada; e, quando se viu o próprio senhor prior sair da igreja, debandou o rancho todo, ficando apenas Ana Maria, chorosa, a ameigar o rafeiro que lhe lambia as mãos.

Desde êsse dia nunca mais o cão deixou a corcundinha.

Uma tarde de outono, teve Ana Maria de atravessar o pinhal para ir levar um trabalho à aldeia vizinha. O céu toldara-se, a escuridão ia aumentando, e Ana Maria assustou-se ao ouvir um forte trovão. Na sua pressa de chegar com o trabalho antes da noite, começou a correr, acompanhada pelo fiel Carochinho; mas tão desastrosamente correu que tropeçou na raiz dum pinheiro e caíu no chão pedregoso!

Pobre Ana Maria!

O Carochinho ladrava junto à dona, lambia-a, dava-lhe focinhadas ligeiras... De repente, o Carochinho desatou a correr vertiginosamente, como se alguém o perseguisse, deixando a corcundinha, sem sentidos, deitada no pinhal.

Correu, correu, sem saber para onde...

E chegou perto duma linda casa portuguesa na orla daquele grande pinhal. O cão parou na sua louca correria e pôs-se a ladrar, a ganir e a uivar com tal fôrça que um homem alto e forte apareceu à janela.



— Que esquisito ladrar o dêste bicho ! — disse êle virando-se para dentro de casa.

— Oh Maria, ouves ? — continuou.

— Parece aflito—comentou uma voz de mulher.

— E não se cala — continuou o homem — vou ver o que isto é.

Ao vê-lo chegar ao portão o Carochinho calou-se de-repente ; e fincando-lhe os dentes no casaco começou a puxá-lo com fôrça para o pinhal...

E o doutor Oliveira, médico afamado que ali passava uma parte do ano, deixou-se levar pelo cão até junto da pobre Ana Maria, que trouxe nos seus braços para casa.

.....  
Passados anos, tratada com tôda a ciência moderna, junto ao maior carinho, Ana Maria, completamente curada, era uma linda e alegre pequena, adoptada como filha pelo médico e sua mulher ! O Carochinho, a quem devia a vida, ali vivia com ela, felizes ambos o mais possível !

E Ana Maria repetia sempre, cheia de convicção :

— Há milagres, há. Bemdita seja Nossa Senhora !



## António Maria, o orgulhoso

António Maria tinha onze anos e andava no liceu. Esperto como um alho aprendia tudo depressa, o que dava alegria aos mestres e aos pais que o adoravam. Era tão feliz a vida dêle, que nunca soubera, sequer, o que era um desgosto! Filho de pais ricos, são como um pêro, vivendo numa linda casa no meio dum grande jardim, António Maria, a quem todos chamavam o Tobi era, sem dúvida, o rapaz mais feliz do mundo.

Porque seria, então, que os seus companheiros do liceu nem por isso gostavam muito dêle?

Entre as dezenas de rapazinhos que compunham a turma de Tobi havia um chamado

Manecas: era fraco, baixinho, pálido, e tinha uma perna mais curta que a outra. Além disso era filho de gente modesta e andava vestido pobremente, embora sempre limpo e remendado.

Como era inteligente e estudioso andava a par de Tobi; e mesmo às vezes passava-lhe adiante, embora fôsse um ano mais novo. Ora, se muitos companheiros de António Maria não gostavam d'êle, Manecas, pelo contrário, tinha por êle uma verdadeira adoração, a-pesar-de Tobi o tratar com uns ares de superioridade. António Maria achava-se em tudo superior ao pobre Manecas. Não era êle forte e Manecas fraco? Não era êle rico e Manecas pobre? Não tinha êle pais importantes enquanto o pobre Manecas era filho duma modesta viúva? Estabelecendo estas comparações o orgulhoso António Maria tratava o companheiro com verdadeiro desdém; como se as circunstâncias felizes da sua vida fôsssem devidas aos seus merecimentos!

— Vai haver um concurso de composição — anunciou, uma tarde, um rapazinho.

— Bem sei: eu entro — declarou Tobi.

— Eu também — disse, timidamente, Manecas. António Maria olhou-o e tornou:

— É a descrição da batalha de Aljubarrota. Já começaste a estudar isso tudo? E a tua mãe paga-te a inscrição?

Manecas respondeu, sorridente:

— Não é preciso pagar nada; e já fiz o meu trabalho quasi todo. Há um prémio para a melhor composição, sabem?

António Maria, cheio de si, respondeu:

— Se calhar ganho o prémio.

— Também posso ser eu; mas naturalmente és tu — tornou Manecas.

Chegou o dia do concurso; e os concorrentes cujas composições tinham sido escolhidas eram justamente António Maria e Manecas. Ambas estavam boas, feitas com inteligência, com linguagem correcta, sem erros ortográficos. E o professor resolveu, para decidir com justiça a quem caberia o prémio, interrogar os dois concorrentes isoladamente.

— Se eu der o prémio ao Manecas, achas bem?

— perguntou êle a António Maria.



Êste corou violentamente e, erguendo a cabeça, respondeu :

— Não acho, sr. professor. Se as composições estão boas ambas o prémio deve ser meu !

— Porquê ?! tornou o mestre, admirado.

— Porque eu sou mais importante do que êle — respondeu altivamente António Maria — Sou rico, sou forte, sou mais velho...

— Que fizeste tu para seres rico, forte, e mais velho ? — perguntou o professor. — Nenhum desses factos tem o menor valor ; nem perante Déus, nem perante os homens. — E, despedindo o discípulo, chamou o tímido Manecas.

— Queres que te dê o prémio ? — perguntou o professor.

Mas o bom Manecas, com os olhos cheios de lágrimas, respondeu :

— Eu gostava imenso ! Mas é melhor dá-lo ao Tobi, senhor professor, senão êle apanha um grande boléo, coitado !

Então o professor não hesitou mais. Diante de todos os rapazes, elogiando as duas composições sôbre a gloriosa batalha de Aljubar-

rota, conferiu o prémio a Manecas e declarou :

— Ambos êles mereciam o prémio pelo trabalho que fizeram. Mas como só a um se pode dar, dou-o ao mais modesto, àquele que se impõe só pelo seu merecimento.

António Maria, que pela primeira vez se via suplantado por outro, sentiu uma revolta íntima; mas o professor, chamando-o, explicou-lhe com doçura :

— O teu orgulho é um sentimento baixo e indigno dum rapaz inteligente. Orgulha-te, sim, de seres cristão, de seres português, de seres recto e bom: mas nunca das circunstâncias exteriores da tua vida!

Tobi, que era realmente inteligente, compreendeu a lição; e, daí em diante, a sua soberba foi pouco a pouco desaparecendo...



THE HISTORY OF THE UNITED STATES

The history of the United States is a story of growth and change. It begins with the first settlers who came to the shores of North America. These early pioneers faced many hardships, but they persevered and built a new life for themselves. Over time, the colonies grew and became more independent. They fought for their rights and eventually won their freedom from British rule. This led to the formation of the United States of America. The new nation was founded on the principles of liberty and justice for all. It has since grown into a powerful and influential country. The history of the United States is a testament to the strength of the American people and their commitment to freedom and democracy.